



## **Gênero e catolicidade na imprensa feminina: a questão da contracepção nas revistas *Claudia* e *Querida*:**

**Anna Marina Barbará Pinheiro<sup>1</sup>**

Temos como objetivo, no presente trabalho, estabelecer as possíveis comparações entre os projetos político-editoriais das revistas *Claudia* e *Querida* no que diz respeito à gênero e sexualidade; situando, nesta análise, o debate acerca da contracepção em curso nos anos de 1970, no Brasil, e, localizando, neste debate, a reverberação das posições defendidas pela Igreja Católica Romana sobre o assunto. Utilizaremos a metodologia indiciária preconizada por Carlo Ginzburg (1989) e desenvolveremos um pouco mais o tema que apareceu em algumas das fontes primárias de nossa tese de doutorado (PINHEIRO, 2004)

Segundo Joana Maria Pedro, no Brasil e nos demais países do terceiro mundo, a divulgação dos métodos contraceptivos modernos, entre os quais se encontram as pílulas, anticoncepcionais, fez parte de políticas internacionais direcionadas à redução da população. Entretanto, tais políticas encontraram no regime militar brasileiro, “além de ambiguidade, um debate que não conheceu consenso” (PEDRO, Joana Maria: 2003, p.242).

Neste debate, *antinatalistas* se opunham a *anticontrolistas*. Enquanto os primeiros defendiam um projeto de desenvolvimento para o país ancorado na redução da natalidade, argumentando que crescimento demográfico então observado comprometeria o desenvolvimento econômico, os segundos afirmavam que a soberania nacional dependia da presença de brasileiros em todas as regiões do Brasil.

Embora o Estado brasileiro não tenha adotado nenhuma política explicitamente controlista, atuaram no país, conforme a autora, sociedades civis internacionais, voltando-se, sobretudo, para as camadas populares, tal foi o caso da IPPF- Internacional Planning Parenthood Federation, que viria a

---

<sup>1</sup> Doutora em História, Professora Adjunta do Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Orientadora: Gizlene Neder



financiar, a partir de 1965, a BEMFAM – Sociedade Civil Bem Estar Familiar no Brasil

O comércio da pílula anticoncepcional iniciou-se no país em 1962, dois anos depois de ter sido aprovada nos E.U.A. pelo FDA – Food and Drug Administration. A imprensa feminina publicou alguns artigos informando, sobre suas potencialidades, porém, muito da divulgação do novo método ficou a cargo de representantes comerciais que atuaram junto aos médicos. As mulheres das camadas médias brasileiras aderiram ao consumo da pílula, representando um mercado em expansão acelerada. Em 1970, 6,8 milhões de cartelas de pílulas anticoncepcionais foram vendidas no país, elevando-se este número para 40,9 milhões em 1980.

Pesquisando a memória feminina acerca de práticas contraceptivas e abortivas no Estado de Santa Catarina, Joana Pedro identifica dois perfis geracionais de mulheres, ambos oriundos dos setores médios das cidades pesquisadas. No primeiro perfil, que classifica como *geração 20-30*, a autora inclui mulheres nascidas entre 1920 e 1939, que foram entrevistadas entre 1995 e 1997. No segundo perfil, que classifica como “geração pílula”, mulheres nascidas entre 1940 e 1959, que foram entrevistadas entre 1999 e 2000.

A principal diferença identificada pela autora entre os dois grupos estaria na qualidade dos problemas associados por cada geração às práticas contraceptivas à que teriam tido acesso. Assim, enquanto na primeira geração, a interferência da Igreja Católica é apontada como importante fator de sofrimento associado à contracepção, na geração subsequente, este fator desaparece, dando lugar aos inúmeros efeitos colaterais das pílulas anticoncepcionais para a saúde das entrevistadas.

A autora, portanto, constata que diversas mulheres da geração 20-30, quando começaram suas vidas reprodutivas, preocuparam-se com a inquirição do confessor sobre métodos contraceptivos. Esse comportamento, contudo, não se observou na geração posterior, que deixou de dar atenção às ordens papais, sem deixar de considerar-se “boas católicas”.



A partir do final do século XIX, A Igreja Católica que, até então, e desde o Concílio de Trento, tinha sido discreta em suas perguntas no confessional, passou a indagar sobre o uso de métodos contraceptivos, e a recusar a absolvição aos casais que declaravam utilizar meios para evitar a gravidez indesejada. Em 25 de julho de 1968, a encíclica *Humanae Vitae* endossou que qualquer ato matrimonial deveria permanecer aberto à transmissão da vida. Desta forma, apenas o método do ritmo permanecia sendo tido como lícito, as pílulas e demais métodos considerados artificiais, seriam condenados.

Nesse sentido, nos cabe investigar a forma pela qual a questão da influência religiosa (católica) associadas à escolha de métodos contraceptivos pelas mulheres se fará presente nas revistas *Claudia* e *Querida* a partir do final dos anos de 1960 e na década subsequente.

Na segunda quinzena do mês de maio de 1968 a mesma emergirá nas páginas de *Querida*, através de crônicas do cotidiano, cuidadosamente construídas por Maria Luisa Bonfim, uma mulher católica, mãe de oito filhos, que identificamos anteriormente nesta fonte. Sob o título de *A mulher depois da pílula* a matéria se inicia por um breve comentário da autora acerca da atualidade e importância do tema:

[...] Limitação de natalidade é tema que continua em debate, quer na palavra da cúpula (Igreja, Medicina, Estado), quer no diálogo corriqueiro de comadres ou no noticiário leigo da imprensa. (...) Embora tenha sido assunto perigoso até bem pouco tempo, uma espécie de tabu hipócrita (mesmo as piedosas senhoras que coram à simples menção da palavra 'diafragma', sempre utilizaram seus segretos truquezinhos anticoncepcionais), hoje é conversa das mais populares. (...) É a base para inúmeras piadas: 'como se chama a mulher que não toma a pílula: mamãe?' É definição: 'mulher A. P.' e 'mulher D. P.' antes e depois da pílula [...]²\*.

Constatando a popularização do uso dos métodos contraceptivos, especialmente da pílula anticoncepcional, a despeito das “opiniões de cúpula”, em especial, das determinações em contrário da Igreja Católica, a autora diagnostica o início da derrubada do tabu que cerca tal assunto e propõe-se a discuti-lo “sem entrar no mérito da questão”, isto é, sem

---

² Revista *Querida*, Maio de 1968, Nº 342.

\* Grifos nossos.



posicionar-se diante do mesmo, como podemos perceber no parágrafo subsequente:

[...] Fugindo ao mérito da questão: ser ou não ser pecado, ser ou não ser prejudicial à saúde, ser ou não ser patriótico — limitação da natalidade, planificação da família, anticoncepção pura e simples, é hábito que se multiplica vertiginosamente; e verdade a qual não podemos fugir [...].Este, o motivo que me levou a ouvir, anotar, recordar depoimentos e episódios que relatam, de maneira direta e humana, experiências de mulheres em relação à pílula. Acho que o assunto interessa a todas [...]<sup>3\*</sup>

Recorrendo à experiência cotidiana das mulheres em relação ao uso da pílula e sendo veemente na constatação de que o mesmo se popularizou, a autora, que já sabemos católica, parece dirigir-se, de sua posição de mulher-mãe, diretamente à Igreja no sentido de alertá-la em relação à realidade de sofrimento e prazer das mulheres de carne e osso<sup>4</sup>. Valendo-se, assim, do formato das crônicas do cotidiano, esconde-se atrás do relato quase etnográfico, de um conjunto de experiências de mulheres dos setores médios, mas de idades variadas, com o uso ou não uso de métodos contraceptivos.

O primeiro relato, intitulado *Confesso, tenho medo da pílula*, versa sobre o encontro da autora com uma grávida na antessala do ginecologista de ambas. A presença de uma “reportagem detalhada, com farta documentação sobre os mais recentes métodos anticoncepcionais, do DIU à pílula, das injeções às novas experiências masculinas”, numa das revistas dispostas naquele espaço de espera, teria dado início à conversa entre ambas acerca do assunto:

...”-’Muito interessante, todas essas pesquisas que os médicos estão realizando em relação à limitação da natalidade, a senhora não acha? Quem diria que uma pílula minúscula viesse resolver o problema de tanta gente! (...)’

<sup>3</sup> Revista Querida, Maio de 1968, Nº 342.

\* Grifos nossos.

<sup>4</sup> Tal perspectiva nos parece muito semelhante a de Uta Ranke Heinemann, que também analisa as concepções hegemônicas na Igreja Católica-romana acerca de gênero e sexualidade a partir do lugar de mulher casada e católica, lugar que confere ao seu olhar argúcia e grande capacidade crítica. Ver: HEINEMANN, Uta Ranke. Eunucos pelo Reino de Deus; mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Rio de Janeiro, Record: Rosa dos Tempos, 1996. Guy Bechtel, também consegue demonstrar em seu estudo acerca do crescente abandono do rito católico da confissão pelos próprios fiéis, na Europa Ocidental, a importância política deste movimento de crítica interna que, tão frequentemente os opõe à cúpula da instituição. Ver: BECHTEL, Guy. A Carne, o Diabo e o Confessor. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1999.



Sua exultante gravidez fez com que eu a olhasse de tal forma, que ela percebeu meu pensamento: de tanta gente, mas não o seu nota-se. (...) Foi então que me contou, com sorriso muito meigo, levemente encabulado que estava esperando o sexto filho. Que seu marido adorava crianças. Que ela havia tentado alguns métodos anticoncepcionais, dos aprovados pela Igreja (a gente deve ser coerente com suas convicções religiosas), mas estes acabaram falhando. Ou não sendo seguidos à risca.<sup>5\*</sup>...

O primeiro relato é, portanto marcado pela resignação. A mulher grávida do sexto filho, meiga e encabulada, apesar de mostrar-se admirada com os avanços da medicina no campo da contracepção e de reconhecer que os mesmos teriam resolvido *os problemas de muita gente*, não se sente apta a aderir a tais avanços e a primeira justificativa a que recorre para explicar-se é a da proibição pela Igreja quanto ao uso dos novos métodos de contracepção. A dimensão de crítica a esta instituição é, contudo, esvaziada pelos rumos da explicação suplementar dada pela grávida à jornalista:

...”- De qualquer forma, vou confessar: tenho medo da pílula e não a adotaria, mesmo se fosse aprovada pelo Papa. Primeiro, sou muito apavorada em relação a remédios novos, principalmente quando penso que vão mexer com hormônios, ciclo menstrual e etc. Depois, (...) já estou casada há quatorze anos, cheguei a um equilíbrio de vida sexual que não desejo abalar. Estamos acostumados a meus ‘dias proibidos’ (...) de maneira bem satisfatória, embora um tanto falha. Fico imaginando o que aconteceria se, de repente, com a pílula, tivéssemos todos os dias livres... Sei lá. Acredito que seria difícil reformular nossa vida conjugal, criar novo ritmo.(...) Talvez eu esteja errada, mas é assim que me sinto’.

Quando a enfermeira a chamou, desejei-lhe que Nossa Senhora do Parto lhe desse uma boa hora. Muitas boas horas, pelo jeito. ...<sup>6\*</sup>

À proibição pela Igreja, que perde o caráter de razão principal a justificar o não uso de anticoncepcionais eficazes pela mulher em questão, soma-se assim, o medo do novo num duplo sentido, medo de novos medicamentos, talvez ainda insuficientemente testados pela medicina, e o medo principal, de alterar o ritmo da vida sexual com o marido.

Depois de muito se explicar, a personagem chega a demonstrar que intui estar errada. O comentário da autora que encerra o relato com a idéia de que a mulher em questão ainda engravidaria outras vezes, deixa passar

<sup>5</sup> Revista Querida, Maio de 1968, N° 342.

\* Grifos nossos.

<sup>6</sup> Revista Querida, Op. Cit. N°342.

\* Grifos nossos.



uma crítica sutil ao comportamento descrito. Tal crítica não compromete, entretanto, sua catolicidade, já que encerra a narrativa com uma prece à Nossa Senhora do Parto.

A segunda história, intitulando-se *Agora somos iguais: nada de mulher – vítima*, relata o encontro de Maria Luisa com uma jovem mulher bem típica de sua época. A construção desta segunda personagem é mais pródiga em detalhes:

A garota é fogo. Fogo mesmo, sem gíria: cabelos vermelhos, curtíssimos, rosto sardento de boca luminosa e olhos faiscantes. Sua agressividade parece ser lugar-comum entre alguns elementos da novíssima geração. Estuda Direito, tem um ‘Volks’, afirma-se ‘de esquerda’, mas eu a sinto vagamente esnobe. Conhece tudo sobre cinema-novo e quase nada sobre tolerância e calor humano. Deve ter 17, 18 anos. Caminha sempre de queixo erguido, balançando, ostensivamente sua bolsa a tiracolo, como se o mundo fosse, realmente uma conquista dos menores de 20 anos. Daí, a solene condescendência com que se digna a responder esta maior de 40<sup>7\*</sup>

O desconforto da autora em relação ao que julga serem “os elementos da novíssima geração” de mulheres é nítido. Identificando-as do ponto de vista político como contrárias ao regime (*de esquerda*) e como moças dotadas de um conhecimento que, de alguma forma lhe escapa (*conhece tudo sobre cinema-novo*), parecem incomodá-la, sobretudo, pela autonomia registrada como agressividade. Retomando a análise, encontraremos a jovem personagem posicionando-se da seguinte forma sobre a questão central da matéria:

— Pílulas? É claro que conheço e tomo religiosamente. E eu sou trouxa? Pela manhã, porque acordo sempre a mesma hora para o trabalho (...) esqueci-me de dizer que trabalho em uma agência de publicidade, o que me obriga a lembrar-me dela. Quase todas as minhas amigas que não são quadradas também estão tomando. Algumas pararam logo no começo: dizem que engorda, que dá enjôo e nervoso, que ficam com medo de esquecer e ‘entrar pelo cano’. Mas comigo não acontece nada, estou ótima. A garota não toca no assunto, mas é óbvio que liberdade sexual não é o seu problema<sup>8\*</sup>.

Adepta do uso da pílula, além de ostensivamente favorável ao mesmo apesar de muito jovem e ainda solteira, a personagem desta segunda história parece constituir-se numa espécie de porta-voz do ideário feminista com as

<sup>7</sup> Revista Querida, Maio de 1968, N° 342.

\* Grifos nossos.

<sup>8</sup> Revista Querida, Maio de 1968, N°342.

\* Grifos nossos.



bandeiras próprias da época. Apesar da pouca idade já trabalha, o que lhe reforça a autonomia e liberdade sexual não parece ser o seu problema, embora pareça ser o da autora da matéria. Sublinhe-se a menção de que toma a pílula *religiosamente*, indício da presença da questão religiosa na contemporaneidade.

Nos parágrafos subseqüentes, a menina demonstra ter um parceiro sexual fixo, mal classificado pela jornalista como *uma espécie de noivo*. Demonstra também, capacidade de argumentação, já que constrói uma defesa bem articulada, embora sintética, da popularização do uso da pílula pelas mulheres.

Sua argumentação é claramente feminista e descolada de qualquer dos elementos que compõem o mito do amor romântico. Retomando a narrativa da autora, a encontramos descrevendo o namorado de sua personagem:

Tem uma espécie de noivo, um tanto psicodélico, que a acompanha por toda a parte. Faço perguntas, pois para isso estamos frente à frente — 'Vou ser muito franca com a senhora: acho que a pílula popularizada vai modificar muito essa história de inferioridade sexual feminina, virgindade, 'dar', e coisa.

Antigamente a mulher era vítima do amor, porque, quase sempre vinha um filho atrás dessa história toda. Então, o ponto de vista apenas físico, 'material' da virgindade, era válido também em função do 'fruto do pecado' (...). A moça era seduzida e ficava grávida. Tinha que casar na polícia (que horror!) e dar um nome custasse o que custasse ao infelizinho nascido do chamado 'momento de loucura' ou 'queda'. Ou se a moça queria 'mandar lá a sua brasa', ficava morta de medo de engravidar. Antigamente, não havia mais virtude ou castidade, apenas menos progresso.

A garota é tão autossuficiente que me dá arrepios.

— Com a pílula, acabou-se a sedução, o filho natural, a mulher-vítima. Agora, somos iguais é toma lá dá cá.

Ela me olha firme, satisfeita de si mesma e de sua descoberta. E eu, com um vago mal-estar, sinto-me pequenina e ingênua - mas proprietária de um segredo, o do amor-dádiva...<sup>9\*</sup>

A argumentação pró-pílula da jovem feminista incomoda a tal ponto nossa jornalista católica que a faz sentir-se mal, *ter arrepios, sentir-se pequena* e, apesar de toda a diferença de idade em relação à sua personagem, *ingênua*. Tal estado acaba por fazê-la evocar sua concepção

<sup>9</sup> Revista Querida, Maio de 1968, Nº 342.

\* Grifos nossos.



(católica) do amor como sacrifício, já presente noutra matéria assinada pela autora nesta revista.

A terceira história narrada por Maria Luisa versa sobre uma mulher de 40 anos às voltas com o problema da interrupção abrupta de sua vida sexual em função da morte do marido. Um dos aspectos mais relevantes de tal relato está no fato dele trazer à tona a *crise de consciência* que também aparece nas pesquisas de Joana Pedro e devia ser recorrente à mulheres católicas nesta época de transição, em que a contracepção multiforme estava começando a se popularizar à despeito das proibições da Igreja. Intitulando-se *Cheguei a julgar-me frígida depois, tudo mudou*, o relato se inicia como os demais pela construção do perfil da personagem em questão:

É fácil conversar com ela. Inteligente, possui uma sensibilidade atenta, uma cultura estimulante, sem pretensões. É espirituosa sem ser vulgar mulher mais atraente do que bela, de riso expressivo e corpo longo, anguloso. 40 anos, viúva, casada novamente, feliz. Quatro filhos do primeiro marido, um trabalho fascinante como decoradora, que completa sua vida. (...) — ‘no meu caso particular acho que a pílula me salvou. Ou melhor, ensinou-me o caminho certo. Vou contar por que, sem meias palavras<sup>10\*</sup>

Inteligente, sensível, culta, mas sem afetações, espirituosa, *mas sem ser vulgar*, a mulher descrita pela autora parece ter o perfil de uma católica de classe média bem típica de sua época, não fosse pela viuvez precoce que lhe acrescenta um elemento de excepcionalidade. Com a idade de 40 anos, concilia a experiência da maternidade de quatro filhos com um trabalho remunerado e externo ao lar que a realiza existencialmente. Parece ser o termo de equilíbrio entre as duas personagens anteriores e tem uma experiência com anticoncepcionais importante a ser relatada e analisada. Vamos a ela:

Você se lembra de como eu gostava do meu primeiro marido. ‘Andei com ele’, como se costuma dizer, antes do casamento, ambos conscientes do que fazíamos. Mesmo religiosos, achamos válida uma experiência pré-nupcial, desde que realizada com amor e lucidez. Nossa união foi perfeita e maravilhosa, embora nosso casamento tenha sido tão cheio de atritos como qualquer outro<sup>11\*</sup>

<sup>10</sup> Revista Querida, Maio de 1968, N°342.

\* Grifos nossos.

<sup>11</sup> Revista Querida, Maio de 1968, N° 342.

\* Grifos nossos.



Neste parágrafo inicial em que a personagem conta a história de sua relação com o primeiro marido, a experiência sexual pré-conjugal de ambos é legitimada em seu próprio discurso, pela existência de um vínculo afetivo entre eles. Só não fica claro se, tal experiência teria sido feita com ou sem o uso de métodos contraceptivos. Prosseguindo na narrativa, a questão da contracepção, por fim aparece:

Jamais tomamos a menor providência para evitar filhos e tivemos quatro, em oito anos de casados. Quando ele morreu, julguei que tudo isso de sexo tivesse terminado irremediavelmente para mim. Mas o tempo conserta tudo. Tive um 'caso' algum tempo depois. Meus escrúpulos, meu sentimento de culpa, minha ignorância e pudor em adotar métodos anticoncepcionais, confundiam-me de tal forma, que foi um desastre. Pensei que a viuvez me tivesse traumatizado a ponto de me tornar frígida - eu que havia sido tão intensa e perfeitamente realizada como mulher!<sup>12\*</sup>

No relato da autora, o primeiro casamento de sua personagem, a não ser pela experiência sexual que o antecede, ocorre tal como determinado pela Igreja Católica, sem o uso de qualquer tipo de contracepção o que o torna repleto de filhos. Entretanto, com a morte do marido e a retomada da vida sexual com outro parceiro a quem não é dado o *status* de um novo marido, tratando-se apenas de *um caso*, os mecanismos da culpa, não apenas dificultam a adoção de métodos contraceptivos pelo casal como concorrem para obstaculizar o próprio prazer da mulher. O resultado de tudo isso é o término da relação, seguido pelo início de outra:

Depois, conheci e amei o João. Você sabe que espécie de homem ele é: bom, paciente, amigo. Pensamos bem e achamos que meus quatro filhos eram o bastante para nossa vida. Mas, (...) nossa permanente ternura e atração, eram comprometidas pelo meu pavor de engravidar. E quase transforma em outro desastre o que era belo e bom. O médico que consultei disse que só minha consciência poderia resolver o problema. Lembrei-me, sem sofismas, de que felicidade é dom de Deus, e poder reparti-la tão intimamente com alguém dom ainda maior. Optei pelas pílulas. Não dá para notar que sou mulher feliz?'

Uma atmosfera de equilíbrio e segurança interior não a deixa mentir<sup>13\*</sup>.

---

<sup>12</sup> Revista Querida, Op. Cit. p.

\* Grifos nossos.

<sup>13</sup> Revista Querida, Maio de 1968, N° 342.

\* Grifos nossos.



Nesta segunda relação, legitimada aos olhos femininos (de ambas as mulheres que participam da narrativa, a jornalista e sua personagem) pela presença do amor romântico, tudo muda de figura. O homem, amado e desejado sexualmente adquire personalidade, é *bom, amigo, paciente* e junto com sua parceira planeja o tamanho da família que ambos desejam ter, a quantidade de filhos do primeiro casamento da mulher parece ser suficiente.

O próximo passo, o da consulta ginecológica é dado com segurança. No espaço do consultório trava-se, então, um diálogo em que medicina laica e religião católica se fazem presentes. A decisão quanto à contracepção pertence ao casal, nada tendo a ver com as crenças religiosas de ambos que permanecem inalteradas. A Igreja institucional em sua posição contrária a contracepção é deixada de lado e a frase da autora que encerra tal história deixa transparecer seu apoio à decisão tomada pela amiga/personagem.

No quarto relato, intitulado *Filhos, sim. Mas só quando a gente puder*, Maria Luisa, volta-se novamente, para as gerações mais jovens. Encontra-se, desta vez, entretanto, diante de um jovem casal que reconhece como legítimo, seja por que legitimamente casados, seja por que ligados pelo vínculo do amor romântico, tão valorizado pela autora. O relato principia pela descrição do casal:

E eu adoro este jovem casal de estudantes, em seu apartamentinho de sala e quatro. Ambos na Escola de Arquitetura. (...)  
Ele magro e divertido, com sua barba 'hippy' e sua camisa de zuarte. Ela, esguia, inquieta (...). Os dois juntos somam pouco mais de quarenta anos. Não são de 'puxar angústia', mas revelam desassombro em relação à vida, uma ausência completa de complicações e cabotinismo. Às vezes, só para espicaçá-la, pergunto quando a família vai aumentar, já não é sem tempo, dois anos de cama e mesa! É ela quem responde convicta: — Imagina só, uma criança agora em nossas vidas! É claro que vamos ter dois, três (filho único nunca!), mas só quando a gente puder, quando terminarmos a faculdade e tivermos um emprego melhor. Por falar nisso, você sabe de algum?<sup>14\*</sup>

O jovem casal de estudantes que adia o projeto de filhos para mais tarde, quando a vida de ambos estiver mais estabilizada, em tudo se diferencia daquele casal constituído pela *jovem e arrogante feminista* acompanhada por seu *quase noivo psicodélico*. Novamente, a diferença

<sup>14</sup> Revista Querida, Maio de 1968, N° 342.

\* Grifos nossos.



fundamental reside na existência de um forte vínculo afetivo entre ambos, ou, se preferirmos na presença do amor romântico nesta relação. Prosseguindo em sua narrativa, a autora volta-se agora para a jovem mulher:

Maritê começou a tomar a pílula anticoncepcional pouco antes do casamento. Preparada psicologicamente para o planejamento familiar debateu com o noivo o assunto, chegando ambos à conclusão de que deixar a vinda de uma criança ao acaso, ou a mercê das falhas dos antigos métodos, seria um crime. A pílula foi incluída no enxoval de Maritê, tranquilamente, como as toalhas e os lençóis<sup>15\*</sup>

Todos os elementos que explicam a preferência da autora por este jovem casal já se fazem presentes em tal parágrafo, como também outros aspectos de sua posição em relação à questão da contracepção. Assim o vínculo afetivo que une e constitui o casal faz com que a opção pela contracepção pertença a ambos.

Na mesma sentença a autora, também aproveita para manifestar seu desconforto em relação à concepção de crianças *ao acaso* ou como decorrência das falhas inerentes aos métodos autorizados pela Igreja. Tal posição é francamente contrária à forma pela qual a Igreja constrói toda a reflexão que realiza sobre o lugar dos filhos no matrimônio cristão. Avançando na narrativa de Maria Luisa, deparamo-nos com a própria moça manifestando-se acerca do planejamento familiar:

-Quando nosso filho chegar queremos que encontre sua vidinha preparada. Um pai formado e apto a lhe dar o máximo de atenção, uma mãe com horário esquematizado para que não lhe falte tempo e carinho. Você sabe que eu às vezes penso, como as mulheres puderam viver tanto tempo sem a pílula? Esse milagrezinho condensado nos permite, realmente, esperar um filho e não deixar que ele aconteça simplesmente.'(...)

A confiança no futuro, a harmonia cheia de camaradagem do caszinho (...) é coisa, gostosa de ver. São, os dois, desses que sabem o que querem, como querem, quando querem. Com a abençoada ajuda da pílula<sup>16\*</sup>

A defesa da contracepção e do planejamento familiar se realiza, assim, através da construção de um discurso de valorização da criança. O discurso masculino acerca da contracepção que apareceu em nossa pesquisa, criticando-a ou defendendo-a, formulado por teólogos ou médicos católicos

<sup>15</sup> Revista Querida, Maio de 1968, nº 342.

\* Grifos nossos.

<sup>16</sup> Revista Querida, Maio de 1968, Nº 342.

\* Grifos nossos.



(majoritários em nossas fontes) e laicos, em momento nenhum, levou em conta a criança.

Tudo leva a crer que tal posição, tão claramente construída nesta história, seja a posição da própria autora, mulher católica mãe de oito filhos que encerra sua crônica “abençoando a ajuda da pílula” no que tange à possibilidade de casais tão jovens terem tanta consciência da importância das crianças que preferem projetar seus filhos para mais tarde.

A última história relatada pela autora, intitulando-se *Ah, se eu tivesse conhecido a pílula antes*, adquire aspectos dramáticos, podendo mesmo ser considerada instrumento de uma pedagogia do terror, pelo uso da contracepção. Narrando a visita a uma amiga com câncer terminal, no dia de seu falecimento, a autora vai, aos poucos, nos fazendo perceber em que medida e de que forma tal história se relaciona com a defesa da pílula anticoncepcional:

Lembro-me quando fui visitar minha amiga na casa de saúde pela última vez. (...) Notei que seus olhos, aqueles olhos sempre vívidos e tão feitos para transmitir amor, estavam grandes demais no rostinho fino. (...) — Quando sair daqui, você vai ver, vou começar um regimzinho caprichado. Você acha mesmo que Manoel gosta de mulher gorda ou é só piada dele? Sabe, ele já veio me visitar quatro vezes e telefona todos os dias. Está tão nervoso, o pobre parece até que perdeu o medo de ser visto! (...)

Minha valente amiga, meu corajoso soldadinho! Sua história não é digna, nem exemplar, mas apenas mais um desses inevitáveis dramas de amor, uma dessas rasteiras que a vida e o coração nos dão. Vinte e nove anos, um amante há quatro (casado, pai de filhos adolescentes), três abortos durante os primeiros doze meses desta vida escondida, sacrificada. Agora, um câncer<sup>17\*</sup>

Até este momento da narrativa já nos assenhорamos da história, nada digna aos olhos de quem a conta, mas bastante exemplar aos nossos. Trata-se da história de um amor ilegítimo entre uma mulher apaixonada e um homem casado, permeada por três abortos. Numa história como esta por mais paixão que houvesse, não havia lugar para filhos.

Daí a importância que a contracepção eficaz adquire num contexto como este. Se não havia lugar para filhos, nem contracepção eficaz, o único recurso que restava ao casal ilegítimo para resolver a questão das

<sup>17</sup> Revista Querida, Maio de 1968, Nº 342.

\* Grifos nossos.



concepções indesejadas era o recurso aos abortos ilegais, às vezes precariamente realizados, que podiam (e ainda podem) ser muito danosos para a saúde das mulheres, colocando, inclusive, suas vidas em risco.

Ao sugerir que a dificuldade em relação ao uso de métodos contraceptivos eficazes pode resultar em concepções indesejadas, para as quais a única solução possível seria o aborto, mesmo que ilegal, a autora utilizava uma argumentação recorrente em sua época, entre os católicos que defendiam a contracepção, mas não admitiam o aborto. Entretanto, é provável que a menção a um câncer em fase adiantada se relacione a estudos em desenvolvimento na época, que indicavam que um dos componentes da mesma poderia evitar o câncer de colo de útero. Tal sugestão evidencia-se nos parágrafos que, por fim, concluem esta longa matéria de defesa da pílula:

Nunca cheguei, a saber, até que ponto minha amiga sabia de seu real estado, nesta tarde. Lembro-me apenas (...) da voz entusiasta com que me contava suas recentes experiências com as pílulas anticoncepcionais, que (...) estavam dando tão certo: — Está vendo só que azar? Se eu tivesse conhecido a pílula antes, não estava nesta chatice toda agora. Mas nunca mais vou deixar a pequenina de lado, você vai ver (...) Ela morreu pouco antes de fazer trinta anos. Na casa de saúde mesmo<sup>18\*</sup>

Esta ampla matéria acerca da contracepção hormonal publicada por *Querida* em pleno maio de 1968, não apenas constitui-se em indício das profundas transformações no campo das relações de gênero e da sexualidade, em curso no Ocidente a partir daquele momento, como ainda, nos revela o projeto político-editorial da revista no tocante à tais questões.

Em nossa perspectiva, enquanto *Claudia* procurava difundir aspectos do ideário feminista, especialmente, através do trabalho de Carmem da Silva, sua principal articulista, *Querida* defendia o modelo tradicional de feminilidade, doméstica e passiva, e o fazia, sobretudo, através da voz masculina de um médico católico, Carlos Alberto de Souza.

Importa, contudo, salientar que esta posição conservadora assumida por *Querida*, pelo menos no que tange aos costumes, tal como acontecia de forma invertida em *Claudia*, não estava isenta de ser contrariada noutros

---

<sup>18</sup> Revista *Querida*, Maio de 1968, N° 342.

\* Grifos nossos.



espaços da revista, fazendo-se mais presente nas matérias assinadas pelo referido médico e nas seções de cartas, do que no restante da mesma.

É o que se percebe na matéria assinada por Maria Luiza Bonfim, em que uma clara defesa da pílula convive com a catolicidade da autora, confirmando, em parte, os achados das pesquisas de Joana Pedro. Note-se que, juntamente com a defesa da pílula – contrária aos preceitos da Igreja – a autora advoga a construção de um determinado padrão de vínculo afetivo-sexual entre homens e mulheres, que também contraria os preceitos católicos, já que admite a sexualidade pré-conjugal, mas ancora-se fortemente no romantismo.

Dez anos depois da matéria de Maria Luiza Bonfim, a discussão em *Claudia* apresentou-se de modo muito diverso, evidência que corrobora nossa hipótese de trabalho. Em matéria intitulada *Escolha melhor o seu anticoncepcional* a revista indaga a um médico ginecologista acerca da popularização da contracepção hormonal, publicando a seguinte resposta

Alguém já disse que a mudança fundamental deste século não foi a entrada na era espacial: muito mais significativa foram as modificações trazidas pela era da pílula. Pode ser uma afirmação exagerada, mas não deixa de ter um grande fundo de verdade. A partir da década de 60, quando começou a ser consumida praticamente em todo o mundo, a pílula representou uma verdadeira revolução sexual: aceitar a pílula foi também aceitar a vida sexual como uma experiência enriquecedora, parte do amor, mas não necessariamente ligada à reprodução. A partir da pílula, ficou bem claro que cada casal podia resolver se os filhos nasceriam de uma decisão tomada à dois ou se seriam fruto do acaso. Embora existissem anticoncepcionais anteriores à pílula, nenhum foi tão bem aceito e divulgado – inclusive pela própria classe médica. E um grande número de países oficializou o controle da natalidade através da pílula. Essa receptividade se justifica em parte porque nenhum anticoncepcional anterior oferecia tantas vantagens em termos de eficácia, preço, facilidade de obtenção e de uso. Mas também devido a uma atitude mais aberta em relação ao amor, ao sexo, ao planejamento da família<sup>19</sup>

Diferentemente de *Querida, Claudia* articula, portanto, uma defesa da pílula que se fundamenta na medicina laica, reivindicando, inclusive, a separação entre os discursos médico, religioso e moral. Não deixa, contudo, de relacionar sexo e amor e falar em *planejamento familiar*. Chamamos atenção para o fato de que o uso desta expressão alija mulheres solteiras e

---

<sup>19</sup> *Claudia*, Abril de 1978, p.104



adolescentes da discussão sobre contraceptivos, mas falar em contracepção multiforme e reconhecer adolescentes enquanto sujeitos sexuais, talvez fosse avançado demais para o veículo no final dos anos de 1970.

Ao adotarmos tal posição em relação ao discurso de *Claudia* quanto à contracepção nas décadas de 1960 e 1970, assumimos um discurso que se aproxima mais da posição de Azevedo (2009) no debate com Duarte (2005) acerca de ambas as revistas.

#### **Referências Bibliográficas:**

AZEVEDO, Lílian Henrique de. *A Construção da Nova Mulher nas Revistas Querida e Claudia: Décadas de 1960 e 1970*. Tese (Doutorado em História) – UEP, Assis, 2009. Orientação de Zélia Lopes da Silva

BECHTEL, Guy. *A carne, o diabo, o confessor*. Lisboa: Publicações Dom Quixote: 1998.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Carmen da Silva: O Feminismo na Imprensa Brasileira*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

GUINZBURG, Carlo. *A Micro-História e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil: Difel, 1989

HEINEMANN, Uta Ranke. *Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

PEDRO, Joana Maria. *A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, pp 239-260, 2003.

PINHEIRO, Anna Marina Madureira de Pinho Barbará. *Igreja Católica, Medicina e Imprensa Feminina: Representações sobre o Corpo da Mulher no Brasil Republicano*. Tese (Doutorado em História Social) – UFF, Niterói, 2004. Orientação de Gizlene Neder.